

Falta de verba impede construção

No primeiro dia do próximo ano letivo, a Fundação Educacional estima que nada menos que 350 mil estudantes cruzarão os portões dos estabelecimentos da rede oficial de ensino. Eles estarão alojados em 447 escolas de todo o DF, incluindo estabelecimentos conveniados e unidades da área rural. E Estudarão em 5 mil 318 salas, contando com as 47 que deverão ser inauguradas até a volta às aulas.

Organizar a complexa operação que representa o início de mais um ano letivo é uma tarefa que exige grande esforço dos responsáveis pela política educacional. Somente para a renovação de matrículas e inscrição de novos alunos, por exemplo, a FEDF elaborou um documento de 13 páginas, intitulado "Linhas básicas para a estratégia de matrícula de 1988", a ser distribuído em todas as unidades do complexo.

SALAS

A organização, no entanto, não esconde alguns sérios problemas que afetam a Secretaria de Educação. Segundo o secretário Fábio Bruno a meta era construir 200 novas salas em 1987, mas só foi erguida a metade desse total. Para a ampliação do número de salas, ele continuará tentando levantar recursos junto às duas tradicionais fontes de financiamento da Secretaria: o MEC e a CEF, através do FAS — Fundo de Assistência Social. O dinheiro enviado pelo GDF, de acordo com funcionários da própria Secre-

taria, mal dá para o pagamento do funcionalismo.

As "escolas de lata", muito criticadas pelas comunidades onde estão instaladas, também deverão merecer atenção. Os planos do diretor do Departamento de Engenharia da Fundação Educacional, Severino Silva, são de substituir, na medida do possível, as 15 escolas do gênero ainda existentes. Mas não deixará, nesse processo, de ouvir a opinião dos pais: no Paranoá, a maioria preferiu manter a escola antiga ao lado da nova.

Severino guarda, porém, um trunfo: ele pretende reformar experimentalmente algumas das "escolas de lata". As alterações consistiriam na substituição do telhado e do piso, e na elevação do pé-direito das salas. Com essas mudanças, ele acredita que serão resolvidos os principais problemas apresentados por esse tipo de construção: "As maiores queixas não são decorrentes da lata em si, mas do calor e do ruído provocado pela chuva no teto". Ele ressalta que se trata apenas de uma tentativa de solucionar a questão.

Outro problema ainda não resolvido, com que a Fundação terá que se deparar novamente em 1988, é o chamado "turno da fome", horário de 11h às 15h em que estudam crianças de escolas com poucas vagas. Segundo a Coordenadoria de Planejamento da FEDF, a rede pública do DF encerrou o ano com 369

turmas intermediárias (a maioria em cidades-satélites) contra 391 em 1986: uma queda de apenas 6,2 por cento.

VAGAS

Em 1988, ainda não há estimativa de quantas turmas intermediárias haverá, mas certamente elas existirão. A única forma de superar a situação será a construção de mais unidades em áreas onde a demanda supera a oferta. Na Expansão do Setor O da Ceilândia, um dos locais mais carentes de escolas, foi construído um estabelecimento em 1987 e outro deverá ser entregue antes do início do período letivo.

Das vagas previstas para o próximo ano, 30 mil serão destinadas ao pré-escolar (incluindo convênios ainda a serem firmados pela Fundação), 240 mil ao 1º Grau, e 38 mil ao 2º. Ao ensino especial serão oferecidas 2 mil 800 vagas, enquanto o suplemento ficará com 38 mil.

O local que reúne maior número de escolas é a área rural (90), seguida do Plano Piloto (88), Ceilândia (74), Taguatinga (56) e Gama (38). Com menor número de unidades aparecem o Guará (18), Sobradinho e Planaltina (16), Cruzeiro (15) e Núcleo Bandeirante (12). Há ainda 10 unidades especiais, como a Escola de Música e o Colégio Agrícola. O número de estabelecimentos não reflete diretamente a quantidade de vagas, já que há escolas com 30 alunos e outras com 1 mil 500.